



RE
CORRENTE
ZA

R1000

19x13mm

O PAPEL DAS MEMÓRIAS NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

“Os andarilhos (...) me ensinaram a amar a natureza (...) Aprendi com os passarinhos a liberdade (...) E, aprendi com eles ser disponível para sonhar. O outro parceiro de sempre foi a criança que me escreve. Os pássaros, os andarilhos e a criança em mim são meus colaboradores destas Memórias inventadas e doadores de suas fontes.”

Manuel de Barros In: Memórias Inventadas, 2008.

(...)

MÔNICA MOURA
ANA BEATRIZ PEREIRA DE ANDRADE

O reativar das memórias, as lembranças, as histórias de vida, as histórias pessoais passaram a ganhar importância e destaque na contemporaneidade. Neste tempo em que as informações se fundem, hibridizam, se mesclam e são aceleradas passou a ganhar maior valor aquilo que é único, pessoal, algumas vezes até íntimo. Mas, que, ao ser revelado, ganha outra dimensão, especialmente quando falamos do universo da criação em suas várias linguagens, entre elas, a do design.

Mas as memórias têm a ver com sensibilidade, e nada como a literatura para ativar a nossa sensibilidade. De início vamos tomar aqui alguns exemplos de textos que tratam da memória, das lembranças pessoais. Nestes fragmentos podemos perceber o quanto a memória é fundamental e como estimula processos criativos e a própria criação.

Escolhemos, entre outros tantos textos que tratam de memória, um conto, uma narrativa autobiográfica, algumas crônicas jornalísticas e um texto de apresentação de uma obra literária. Todos foram estimulados à criação pelas memórias e é também a memória que os entrelaça. Uma memória que é resgatada e se transforma potencializando o ato e o ser criador, seja ele escritor, poeta, culinário. E, veremos mais à frente que também designers.

Na verdade a memória é fonte de referência, de lembranças, de estímulos para qualquer pessoa que atue com criação.

“Chão de Infância. Nesse chão de lembranças movediças estão fixadas minhas pajens, aquelas meninas que minha mãe arrebanhava para cuidarem desta filha caçula. Vejo essa mãe mexendo enérgica o tacho de goiaba ou tocando ao piano aquelas valsas tristes. Nos dias de festa pregava no ombro do vestido o galho de violetas de veludo roxo. Vejo a tia Laura, a viúva eterna que suspirava e dizia que meu pai era um homem muito instável. Eu não sabia o que queria dizer instável, mas sabia que ele gostava de

fumar charuto e jogar baralho com os amigos no clube. A tia então explicou, Esse tipo de homem não conseguia parar muito tempo no mesmo lugar e por isso estava sempre sendo removido de uma cidade para outra como promotor ou delegado. Então minha mãe fazia os tais cálculos de futuro, resmungava um pouco e ia arrumar as malas.” (Lygia Fagundes Telles In: Invenção e Memória: Conto que se chama solidão: 2009, p.11)

A escritora brasileira Lygia Fagundes Telles tece em seu conto as lembranças, e a partir da visão constituída por ela e também pelas outras pessoas de sua convivência na sua infância, nos fala de seu pai advogado e promotor público, de sua mãe pianista e de sua vivência na capital e no interior do estado de São Paulo. Retoma a infância para situar as lembranças, como ela mesma aponta, são movediças. Mas, lembra-se do doce de goiaba, do cacho de violetas no ombro do vestido, da tia que vivia a suspirar e do pai que gostava de charuto e jogar baralhos. Fragmentos da memória que vão construindo novas histórias.

“Quando jovem eu morava no fim de uma rua comprida, ou de uma rua que me parecia comprida. (...) Aí tinha uma baixada suave, umas casinhas frágeis que eram inundadas toda primavera, mas aonde algumas pessoas – gente

diferente – sempre vinha morar mesmo assim. (...) era um conforto ver os assentos sem manchas da minha escola nova e ouvir o nobre som civilizado das descargas(...) Além do rio, havia um trecho de coníferas escuras, provavelmente cedro, mas distantes demais para que se pudesse saber. E, ainda mais longe, numa outra encosta, ficava outra casa, bem pequena vista daquela distancia, de frente para a nossa, que nós nunca íamos visitar ou conhecer e que era para mim como a casa de um anão num conto. (...), isto não é um conto, apenas vida.” (Alice Munro In: Vida Querida, 2013, p. 297-305)

Alice Munro, escritora canadense especializada em contos, aos 82 anos escreveu uma coletânea que reuniu sob o título *Finale* e dizem respeito às memórias de sua vida, da infância, da juventude e maturidade e leva nossa imaginação, a imaginação do leitor dos contos, a visualizar os ambientes naturais e artificiais que descreve em um jogo estabelecido entre as lembranças da memória entremeadas pela imaginação, entre a realidade e a ficção. A rua que parecia comprida, as árvores que talvez fossem cedros, a casa de anão num conto, imprecisões, suposições do que a memória guarda e do que se cria ao contar uma nova história ou ao relatar uma cena ou ação vivida e, ela bem lembra, isso é a vida!

“Há poucos dias visitei uma casa na rua Saldanha Marinho, no centro de Manaus, que é também o centro de minha infância e, portanto, da minha memória. Vi a mesma biblioteca com livros brasileiros, portugueses e franceses, a escrivaninha de cedro, os lustres antigos, os vitrais coloridos em forma de ogiva. Atravessei o longo corredor lateral que dá acesso aos quartos e à cozinha e termina num pátio cheio de vasos com avencas e tajás. No fim desse corredor, sentada numa austríaca, vi dona Maria Luiza Freitas Pinto, a professora que me alfabetizou. (...) Disse à professora que o jambeiro ainda sombreia o pátio do grupo escolar, que, hoje, é uma escola estadual; nos meses de inverno, o chão ficará coberto de flores vermelhas, os leões de pedra da entrada vão perder sua cor de açafião, os pilares serão manchados de limo. (...) Eu invejava a caligrafia caprichosa de Paulo de Tarso, e imaginava que ele tinha uma maquininha na mão direita. “A caligrafia era um exercício necessário”, disse a professora. “Hoje em dia, poucos jovens usam um lápis ou uma caneta... O mais importante é saber ler e escrever. Saber pensar...” (...) “Guardaste a redação?” Claro, eu disse. A professora referia-se à primeira redação que escrevi no Barão do Rio Branco.

Ela me entregara a folha amarelada em 1989, quando lancei em Manaus meu primeiro romance. O texto descreve uma viagem ao Careiro e é ilustrado por um desenho de uma fazendola.” (Milton Hatoum In: O progresso que engana, OESP, caderno 2, sexta feira, 08 de novembro de 2013, C8)

Milton Hatoum, escritor brasileiro de origem amazonense, relembra e, de certa forma, se torna novamente criança, o aluno, que revive os espaços, os objetos, as paisagens, os colegas e descreve de forma poética estas relações advindas de suas lembranças reavivadas pela visita e encontro com a sua professora. Esta, por sua vez, também retoma suas vivências, compara sua experiência com os dias atuais, reativa suas memórias e, neste exercício, não apenas revive o passado e as lembranças, mas vive de forma mais intensa o seu presente.

“Estou preparando um novo livro e separando as crônicas que acho melhores. Que susto! Há anos que, quando vou falar de comida boa, escolho arroz com ovo frito, sopa de feijão, sanduíche de presunto, batata assada, pão com manteiga, jabuticaba, manga, pão de queijo, pão com alho e azeite, será possível que alguém que escreve crônicas de comida só sabe falar nessas comidas íntimas, de comer em casa?

Acho que provavelmente é por causa dos leitores que adoram lembrar daquilo que comiam com o prazer da procura ao tempo perdido. Já descobri que não eram as comidas, era o tempo, mesmo, o tempo da segurança, do amor, da alegria de viver. (...) Para nos a-limen-tar-mos é outra coisa, queremos aquilo de que gostamos, aquilo que comemos na infância, certa repetição, certo padrão, a avó, a mãe..." (Nina Horta In: Língua Curiosa, FSP, caderno Comida, página F6 , 09/07/2014)

Nina Horta, escritora e colunista de gastronomia, nos fala de comida, de prazer, das lembranças, da vivência afetiva e memória gustativa ao saborear determinados pratos entremeados com sentimentos e emoções familiares que se transformam em sabores, odores e imagens de afeição e lembra aos leitores: buscamos e queremos o sabor da infância, da comida da mãe, da avó, mesmo que seja em um processo de repetição ou de busca das sensações, dos sentimentos, das lembranças.

"É um texto jovem. Vittorini tinha vinte e quatro anos quando o escreveu. Estava assim a poucos passos da infância, e é por isso que as cenas que vivenciou na Sardenha despertam-lhe a toda hora o menino que ainda o acompanhava por dentro e se extasia." Leonardo Fróes (escritor) na apresentação do livro Sar-

denha como uma infância de Elio Vittorini, Cosacnaify, 2011.

O escritor Leonardo Fróes ao apresentar o livro **Sardenha como uma infância** do, também, escritor Elio Vittorini destaca o quanto a criação e construção destes contos revelam lembranças e memórias que se entrelaçam entre passado e presente, constituindo novas configurações em forma de poesia, tanto é que no primeiro conto do livro, Vittorini escreve que sabe o que é ser feliz na vida: a dádiva da existência que ocorre através das coisas que nos rodeiam, pela paisagem, pelo escutar e sentir o vento, a areia, a alvorada, a água, a praia, o mar, o sol, a mulher amada, as ilhas, a carroça e os bondes. E afirma que em cada dia nasce e tudo se torna novo outra vez, parecendo desconhecido como uma nova terra que o assalta e o faz viver de novo intensamente, como no primeiro olhar, o primeiro amor, o primeiro amigo.

Esses fragmentos de textos, aqui reproduzidos, foram selecionados e aqui se encontram como um estímulo para despertar nossa atenção, sensação e percepção a respeito da importância de nossa memória, daqueles momentos e instantes que, por parecerem tão comuns e cotidianos não os valorizamos no momento em que os vivemos, mas que à distância, com o passar do tempo, tornam-se essenciais na constituição de nossa identidade e de nossa alteridade. E, portanto, essência para nossas referências e para as referên-

cias ou inspirações destinadas à criação, ao desenvolvimento projetual, aos sonhos que, ao resgatarem o passado se transformam em projetos no presente e em objetos expressivos e poéticos no futuro. Sejam estes objetos produtos de diferentes naturezas, escalas e tecnologias para as mais diferentes necessidades que envolvem a vida do ser humano.

E, retomar a memória, as lembranças, as histórias pessoais, de vida é uma forma de construir ou expandir o seu eu e de compreender o outro, o ser humano que está ao nosso lado e que também assume o papel de sujeito usuário na esfera do design.

DESIGN, OBJETOS E MEMÓRIAS

Selecionamos duas vertentes para falar sobre memória e design. O primeiro do design que se encontra em nosso cotidiano. Os objetos, coisas, artefatos, equipamentos, produtos que nos rodeiam e constituem lembranças, histórias, memórias afetivas.

Nos textos que vimos acima vários objetos aparecem e constroem as narrativas: o tacho de goiaba, o piano, o galho de violetas de veludo roxo, o charuto, o baralho de Telles (2009); os assentos sem manchas de Munro (2013); a escrivanhinha de cedro, os lustres antigos, os vitrais coloridos, os vasos com avencas, a cadeira austríaca, os leões de pedra, os pilares de Hatoum (2013).

Os objetos que nos rodeiam, o design no nosso dia a dia também constroem nossas

lembranças e nossas memórias. O bule de café da avó, os enormes brincos de uma tia, a piteira de cigarro da madrinha, a máquina de fazer massa da mãe, os chinelos do pai, a garrafinha de pinga do tio, a estante do irmão, o batom da irmã, o carrinho de brinquedo do primo, a bolsa da amiga. Esses objetos podem ter marcado a nossa memória por diferentes via e aspectos, seja por sua beleza ou por sua estranheza, seja porque ajudavam a construir a identidade e o estilo de uma ou outra pessoa, seja porque nos ajudam a reativar a nossa lembrança e a aguçar as nossas saudades.

Quantas vezes é o objeto que nos leva a lembrar de uma pessoa, de uma situação, de um lugar, de uma viagem. E como é bom e familiar encontrar um objeto que já conhecemos porque fez parte de nossa história. As idas e vindas de estilo na história estética do ser humano pode ser explicada pela necessidade afetiva de reencontros, incluindo-se aí o reencontro com objetos, ambientes, lugares. E essa pode ser uma das explicações da retomada de passado no presente. Diante de tantos objetos modernos, contemporâneo coexiste a retomada do passado, o design retrô, o vintage. Experiências sensíveis que são novamente vivenciadas pela presença do design. Lembranças afetivas que constituem, constroem e reconstroem a nossa memória.

Lygia Fagundes Telles nos fala que as “memórias são lampejos, sementes de pensamentos e lembranças”(2009).

E, assim, a memória inter-relaciona as lembranças e o passado resgatando-os ao presente e associando a eles novas informações, ou seja, a memória nunca é isenta e não mantém a situação, a lembrança intacta ou exatamente da forma como ela foi vivida. Ao lembrarmos, associamos novos conhecimentos, nossas percepções e interpretações e novas informações ao fato lembrado. A memória não é isenta de interlocuções e é muito criativa. Ao lembrarmos-nos de algo ou de uma situação acionamos não apenas o cognitivo, mas também o emocional, que é somado às nossas atuais experiências de vida. Dessa forma, entrelaçamos o passado vivido às nossas convicções e à nossa existência no presente. A memória diz respeito aos conhecimentos e vestígios do passado que já estiveram disponíveis, às recordações que no presente se somam a outros olhares e, inclusive, a novas informações. Evocamos a recordação e a tornamos presente.

Segundo Abbagnano (1998), a memória é constituída por duas condições ou momentos distintos: a conservação e a recordação. A conservação diz respeito à persistência de conhecimentos passados, é a memória retentiva. A recordação é a capacidade e a possibilidade de evocar o conhecimento do passado e de torná-lo atual ou presente. Platão os chamou respectivamente de “conservação de sensações” e “reminiscência” (Fil.,34 a-c).

Para Bergson (1999), a memória é um progresso do passado ao presente em um estado agente que é a recordação.

Ecléa Bosi atua com as questões da memória no âmbito da psicologia social investigando e dando voz às experiências pessoais e aos eventos cotidianos registrados na lembrança e contados para outrem e, dessa forma, se refere à história pessoal, a história de cada um, construída no decorrer da vida, tornando o cotidiano matéria e objeto relevante para a pesquisa, para a construção e compartilhamento de conhecimentos, de sensibilidades, de criações.

“A toda hora, somos capazes de recuperar aspectos de nosso passado: é como se nos contássemos histórias a nós-mesmos, alguns chegam a registrá-las em forma de diário. Mas o relato primordial é o que pode ser feito a outras pessoas: através dele, o que vivemos e que é bem nosso ganha uma dimensão social, obtém testemunhas (mesmo que a posteriori), faz com que os outros ampliem sua experiência, através das nossas palavras. Há troca e cumplicidade. Viver, para Contar (a vida), o título das memórias de Gabriel García Márquez, serve para todos nós. Viver algo notável gera a necessidade de contar: você sabe o que eu vi? você sabe o que me aconteceu? E tudo o que nos acontece é notável porque nos concerne. É interessante notar que estudiosos supõem ter a linguagem se originado, em nossa es-

pécie, a partir da representação de situações sociais; talvez se possa dizer, parafraseando García Márquez, que se nos lembramos é para poder contar” (Ades: 2004, p. 1)

César Ades (2004) na resenha sobre o livro de Ecléa Bosi **O tempo Vivo da memória: ensaios de psicologia social (2003)** aponta que a autora trata a memória como coisa em constante transformação com um senso poético especial que dá valor ao pormenor e com isto dignifica o cotidiano, seja ao falar sobre a cidade, sobre as casas e sobrados populares, sobre os ambientes e objetos destas casas e discorre assim sobre estas coisas:

“(...) os simples sobrados que não merecem tombamento porque lá não morou nenhum barão, mas foram adquiridos com prestações custosas, privações sem fim, que resultaram nessas casas adoráveis que conhecemos: a máquina de costura a um canto da sala, a TV redimida por uma toalha de crochê, os gerânios. Salas onde a gente ficaria um século escutando, onde as meias paredes filtram conversas, exercícios de piano, a água correndo, a canção dominical (se faz sol)” (Bosi: 2003, p. 74).

Ainda, neste aspecto, Ades (2004) ressalta que:

“Ecléa dá, a partir de intuições cultivadas ao longo de anos de pesquisa, em contextos diversos, mas sempre centradas no encontro e na criação de interações privilegiadas. Não são as regras que um capítulo de metodologia costuma conter e não se preocupam com a quantificação das coisas. São práticas num outro sentido. Lembram o quanto é essencial criar um contexto de confiança e de apego para poder aproximar-se dos modos como alguém se vê e vê os eventos nos quais tomou parte. Trata-se de um exercício de alteridade. Não há nada que eu ache mais impressionante a respeito da consciência humana do que esta capacidade que temos – se houver o desejo e se forem propícias as condições – de apreender o jeito de os outros serem, adotando por um momento sua perspectiva, descentrando nossa percepção, como diria Piaget” (Ades: 2004, p. 2, grifos nossos)

Se a memória pode ser entendida como marcas na e da alma que se movem entre a conservação, a persistência e recordações podemos dizer que suas relações se estabelecem de maneira íntima e afetiva aos nossos pensamentos, ideias, lembranças, fagulhas de sensações que se constituem como representações e constroem a personalidade e identidade a partir do reconhecimento do já visto e vivenciado.

Portanto, as histórias de família e daquelas pessoas que se constituem como personagens familiares e dos quais lembramos a forma, o jeito de falar e gesticular quando contavam histórias, contos, causos ou lendas, reais ou inventadas, tais como aquelas histórias de pescador ou caçador, sempre falando com uma lente ampliada sobre algo que aconteceu, ou ainda, a forma irônica, sarcástica, engraçada, pessimista ou muito otimista ao falar, ao contar, ao relatar que é ou foi usada por algum membro da família, vizinho ou amigo. São aquelas situações que, em determinada ocasião falamos: “minha mãe sempre dizia que...” e lá vai o resgate de uma lembrança do modo de falar e expressar de alguém que nos é muito querido. Além dos causos, existem palavras, jargões, uso de ditados populares, modos específicos de expressões ou de discursos verbais e ou corporais que marcam a nossa lembrança das pessoas próximas e ativamos a nossa recordação daquele tio ou tia que sempre agia e falava de determinado jeito em uma determinada situação. Lembramos-nos de alguns que tocam algum instrumento ou cantam em certas ocasiões e situações. Na verdade, o cotidiano familiar é um rico celeiro de memórias e lembranças. E isso pode se dar por meio de diversos percursos, entre eles, os relacionados à alimentação ou culinária familiar, pois há sempre um modo próprio de se fazer determinado prato ou receita culinária, há os segredinhos e truques de família

usados para conseguir um sabor ou aroma particular em cada receita, especialmente as destinadas a festas, encontros, reuniões, almoços ou jantares em família e, ainda, existem as receitas criadas por alguém da família e que se torna herança como um patrimônio imaterial. Há ainda a medicina caseira que se dá pelas maneiras de se fazer os mais diversos remédios e tratamentos de modo popular para sanar problemas de saúde.

Os ritos de passagem são outro aspecto determinante na constituição da memória. As festas, os rituais, o modo de fazer e de comemorar os nascimentos, casamentos, aniversários, as festas religiosas, incluindo-se aí os rituais e modos de relação com a morte. Nesses momentos, a maneira como as pessoas agem, a tradição e os rituais empregados, os objetos, a forma como as pessoas arrumam os ambientes e se preparam o modo de se vestirem constituem traços característicos e fundamentais do modo de vida em determinado tempo e lugar, bem como são elementos preciosos das recordações, inclusive, as fotos, vídeos, objetos em forma de lembranças nos ajudam a reativar essas lembranças que se misturam aos sentimentos, às vivências e são carregadas de afetividade.

Conforme diz a historiadora Dulce Pandolfi “A memória não diz respeito apenas ao passado. Ela é presente e é futuro” (Pandolfi In: **Memórias da ditadura**, O Globo, 2013). Ou seja, o resgate do passado ajuda a construir o presente e o futuro. A memória retomada,

a lembrança vivenciada torna-se presente novamente ao ser resgatada, auxiliando a delinear e a visualizar o futuro.

As histórias marcantes na nossa vida, a primeira vez de uma série de fatos são, na verdade, até mais simples de se recordar e as mantemos em nossa memória quase como um exercício contínuo de repetição e fixação, porém, é importante ativarmos a ação de percebermos e nos lembrarmos da vida cotidiana, pois ela, nos gestos, atos e fatos traz enorme potencial com relação às recordações que se constituem em novas experiências e constituem novos conhecimentos.

A MEMÓRIA NO DESIGN CONTEMPORÂNEO

Já falamos anteriormente que a memória, seja pela via da conservação ou recordação, seja por meio do resgate ou da investigação da maneira de se viver, constitui um dos aspectos determinantes para a criação no contemporâneo. Podemos inferir que isso se dá porque diante da pluralidade de informações, conhecimentos e técnicas, bem como diante do desenvolvimento tecnológico acelerado e do compartilhamento de informações incessante, o ser humano passou a buscar questões e aspectos que remetam ao que é singular, único, diferenciado, às histórias pessoais. Podemos perceber que neste caminho as afetividades, emoções e memórias tornam-se essenciais.

No campo específico do design, começamos a perceber a ação relacionada à memória pessoal e a histórias de vida. E aí começamos a observar mais atentamente, a coletar dados e informações e a pesquisar como e por que a memória passava a ser um aspecto presente no campo do design. Essa busca de minha parte foi estimulada ao perceber que em palestras de designers estrangeiros, tanto no Brasil quanto no exterior, a maioria deles começava contando sua história de vida, quem era, onde nasceu, como era sua família, seus brinquedos e brincadeiras favoritas e o que isso tinha a ver com sua atuação em design. Esse discurso era permeado por fotos, músicas, objetos e ambientes antigos, geralmente da infância do palestrante.

HISTÓRIAS PESSOAIS, HISTÓRIAS DE VIDA, HISTÓRIAS DE DESIGN PERMEADAS PELAS MEMÓRIAS

Alguns anos depois de ouvir aquelas palestras que me instigaram fui visitar os Irmãos Sergio e Jack Fahrer, no showroom da Fahrer Design, para minhas pesquisas sobre design brasileiro contemporâneo. E eis que recebo o novo cartão de visita dos Fahrer que tem como imagem principal uma singela foto de infância com o Sergio na escolinha brincando com blocos de montar. Ele usa um avental onde há seu nome bordado e no fundo há outras crianças, seus amiguinhos da época, brincando de massinha. O menino Sergio brinca

com blocos coloridos (Lego) e segura uma grande torre colorida feita por ele.

Achei ótima a proposta do cartão, afinal ela é totalmente em sintonia com as propostas e atitudes contemporâneas no design. Depois de analisar o cartão entrei em contato com o Sérgio para entrevistá-lo a esse respeito. Ele me contou que a foto é de 1971, estava no Colégio Bar-Ilan que fica em Copacabana, Rio de Janeiro, onde ele e o Jack estudaram entre 1968 e 1973, depois retornaram a São Paulo.

Figura 1: Cartão de visita da empresa Fahrre Design.
Fonte: Fahrre Design, SP, 2014.



O cartão foi desenvolvido porque em 2014 a Questto/Nó estava no processo de realização do branding da marca Fahrer Design e perceberam que a empresa dos Fahrer tinha uma história que estava presente no trabalho e na maneira de eles pensarem o design e a construção das peças e dos produtos. Por esse motivo os profissionais da Questto/Nó pediram algumas fotos de vários períodos da vida dos irmãos Fahrer e, quando estavam garimpando fotos antigas, a Lucienne, esposa do Sergio viu essa foto e disse: “Leva esta, pois fala tudo de você”. Ele atendeu ao pedido dela, mas levou outras também. Porém, a visão e a intuição feminina prevaleceram. Essa foi a foto escolhida na reunião com a Questto/Nó para o cartão e como a imagem da empresa. Sergio conta que um primeiro momento ele e o Jack estranharam a decisão e ficaram apreensivos, pois como explicariam a foto de uma criança como símbolo da empresa? E a resposta foi: pois expliquem! Foi isso que ele fez comigo ao me conceder essa entrevista. Reproduzo abaixo as suas palavras:

“De fato a ligação com a imagem faz sentido. Desde muito cedo (na foto eu tinha seis anos) eu via o mundo como construção, via os materiais como passíveis de articulação. Tudo era motivo para reinventar, compor, construir, testar, usar. Eu construía e destruía tudo o que passasse perto de mim (para certo desespero de meus pais). Acredito que grande parte da paixão que tenho pelas formas, pelas so-

luções e pelos diversos materiais veio desde aí, num caminho que só não foi definitivo logo cedo porque fiz alguns desvios. Mas não existem desvios que não nos devolvam àquilo que somos, como diria um amigo meu. O resultado foi ótimo, todos os clientes e colaboradores adoram contar a nossa história.”

E como é importante além de ter uma história, mostrar e contar essa história. Porque contar a história significa criar laços, mostrar os percursos, falar do sensível, de sentimentos e emoção, se mostrar como ser humano, muitas vezes antes e além de ser um profissional.

A foto do cartão da empresa Fahrer diz muito além do que está registrado visualmente, nos remete ao resgate de memórias e aponta o fazer criativo que, décadas depois, passa a ser a prática da profissão de designer daquele menino da fotografia. A imagem da foto, resgatada de um álbum das recordações familiares é trazida a público e constrói relações de afetividade e de proximidade emocional. Ao observar a foto nos remetemos também às lembranças de situações de infância. O tempo dessa foto nos é indicado pelas roupas, pelo modo de vestir e pelo ambiente, pela situação. Por outro lado, encontram-se as relações profissionais explicitadas, o brincar com instrumentos que remetem à criação, ao explorar da imaginação e da inventividade, aspectos da atuação profissional desses designers no presente. Portanto, passado e presente, o simbólico e

o emocional se fundem no resgate da memória e trazem para o cartão de visitas outra aura.

O cartão é para uso profissional e, geralmente, os ambientes e propostas profissionais são mais sérios, rígidos, distantes e até frios. Com esse cartão eles quebram a frieza, o distanciamento e despertam na pessoa que recebe o cartão um sentimento agradável e inevitavelmente a lembrança dessa pessoa quando era criança e estava em situação semelhante. Esse fato cria motivos para uma conversa que se alonga e torna-se prazerosa: Quando foi isso? Onde estudou? Ah, gostava de blocos de montar, eu também...

Ao trazer essa foto para o cartão na esfera profissional esses designers atendem ao universo do emocional, simbólico e da valorização da memória e histórias pessoais tão presentes na contemporaneidade.

Por outro lado, essa ação aponta outras questões muito interessantes na atualidade. A atuação em somatória do branding, da gestão de marcas, do marketing e da economia é pautada pela busca da inovação a partir da observação precisa de tendências e mudanças na sociedade (aspirações, desejos, novos hábitos, novas valorizações de determinados aspectos). E isso é realizado com tal agilidade na dinâmica do mercado que, rapidamente, transformam os novos valores que são construídos pela sociedade em produto. No caso específico aqui relatado, uma história individual. Portanto, a história individual ganhou um peso significativo na contemporaneidade em detrimento, muitas vezes, da história coletiva.



Figura 2: Os irmãos Fahrer no aparador Lux
Fonte: <http://www.fahrer.com.br/sobre-nos.html>

Os irmãos designers Fahrer continuam a explorar suas imagens em conjunto, ora em seu ambiente de trabalho, junto a peças criadas por eles, ora em outras situações. Destacamos que a relação emocional, de afetividade familiar e de companheirismo continuam a marcar esta dupla de designers, ou seja, aproxima os universos profissional e pessoal, desfazendo os limites e fronteiras que até bem pouco tempo atrás eram vistos de forma desvinculada e separada.

Esses aspectos são tão importantes para essa dupla de designers que o website da Fahrer Design <<http://www.fahrer.com.br>> apresenta como destaque a frase: “design de corpo, história e alma...”

Sim, desde a situação expressa naquele cartão continuam montando, inventando, construindo objetos, mobiliário, ambientes, linhas de produto que são calcadas na criatividade, na inventividade e na sensibilidade.

É interessante também apontar o percurso de formação plural desses dois designers. Sergio Fahrer é engenheiro e foi estudar Luteria no MIT (Musicians Institute of Technology), em Los Angeles, EUA. Trabalhando no laboratório de luteria da universidade, ele passava grande parte do tempo sentado em uma cadeira desconfortável, o que lhe ocasionava dores nas costas. Visando resolver esse problema, ele desenvolveu uma cadeira acoplado uma base de Cajon (instrumento peruano de percussão) a uma travessa interna de um contrabaixo acústico e passou cola nas lâminas e em um

tecido para curvar melhor a madeira. Depois disso trabalhou no acabamento da peça pintando-a inteirinha de branco e colando na superfície 1.500 palhetas de guitarra. Era 1992 e, naquele momento, nascia a cadeira Blues, um processo inovador (técnica de curvar a madeira inspirada pela confecção de instrumentos musicais) e um futuro designer. Sergio conta que a cadeira fez muito sucesso na escola de música. Em uma visita à escola, Eric Clapton conheceu a cadeira e gostou tanto que quis uma, e aí, Sergio, como fã assumido desse ídolo, deu a cadeira de presente para o músico.

Na época Sergio nem imaginava que estava desenhando seu primeiro móvel e que teria reconhecimento internacional com essa peça. Isso aconteceu por causa de seu professor que gostou tanto da cadeira que a inscreveu, sem o Sergio saber, em um prêmio internacional de design. Resultado: a cadeira Blues ganhou o primeiro lugar no Woodcraft Design Award, em 1993. Foi o primeiro prêmio internacional de Sergio Fahrer como designer de mobiliário.

Depois disso a técnica de madeira curvada com formas orgânicas foi aperfeiçoada com a multilaminação em MDF, e com esse processo Sergio Fahrer obteve uma patente internacional.

Está aqui outro aspecto com o qual podemos perceber a importância da história pessoal na sua relação com a história profissional. Esse designer nasceu de uma necessidade e da busca da resolução de um problema. Ele até fala que foi pelo desvio que chegou à área

do design. Mas sabemos que os desvios da vida nos levam por caminhos incríveis. Foram os desvios, os caminhos trilhados e as escolhas de Sergio durante o decorrer de sua vida que o levaram a ser hoje um dos principais designers contemporâneos brasileiros. Ele ressalta que encontrou o caminho do design pela música. Até hoje o Sergio, junto com o Jack Fahrer, tem uma banda, é a Four-play e se apresentaram na última edição do Design Weekend.



Figura 3: Cadeira Blues, Sergio Fahrer, 1992.

Fonte: Acervo Fahrer Design, SP.

Jack Fahrer é músico, com formação e atuação em moda e em HQs. Em 2007 se associou ao Sergio e, juntos, criaram a marca de design de mobiliário, a Fahrer Design.

Essa dupla de designers atua de forma colaborativa, mas também respeitando as identidades e singularidades. Há projetos em dupla, há projetos de cada um individualmente. Jack tem um olhar diferenciado para as superfícies, as estampas, os tecidos e as cores. Enquanto Sergio é apaixonado pelo desenho e pela estruturação.

Juntos atuam plenamente com criações diferenciadas e com a aplicação de tecnologias e processos inovadores nas peças

que projetam e produzem, tais como madeira curvada com formas orgânicas e multilaminação em MDF; madeira faqueada e torneada; tubos de fenolite (laminado plástico); fibra de buriti; alumínio de aviação reciclado; alumínio naval; aço-carbono; acrílico reciclado com impressão nano; entre outros materiais sustentáveis. Sendo a última descoberta o uso da seringueira como alternativa a outras madeiras já extintas ou em processo de extinção.

No aspecto da sustentabilidade também promovem uma série de ações, tais como utilização de matérias-primas certificadas pelo FSC; uso de materiais reciclados e recicláveis; economia de água e de energia no processo de fabricação; papelão reciclado e reciclável nas embalagens; selo com numeração de série em cada peça comercializada que dá acesso a todas as informações a respeito do produtor e a garantia de reforma das peças sem custo para o cliente e também a indicação da reciclagem da peça quando o cliente decidir descartá-la.

O resultado de todos os aspectos a respeito dos Fahrer é que o design desenvolvido por eles esteve presente em várias bienais brasileiras de design, obteve vários prêmios nacionais e internacionais, além de várias exposições internacionais.

Também realizam parcerias muito produtivas como a que estabeleceram com o designer de moda Lino Villaventura em um projeto colaborativo associando o design, a moda, o ar-

tesanato e a nano tecnologia que resultou em uma nova linha de mobiliário. Para saber mais a esse respeito acesse: <http://www.design-contemporaneo.com.br/2014/12/10/design-e-moda-colecao-fahrer-e-lino-villaventura/>

Esses são exemplos da atuação dos designers na contemporaneidade em que memória, histórias pessoas, inventividade e sensibilidade caminham juntas na construção de objetos que, um dia, construiram novas e outras histórias.

MANA BERNARDES

“Por favor território vou atrás de uma memória da onde o amor gera flores minha bisavó com elas enfeitava suas tortas de nozes.” (Mana Bernardes In: Mana e Manuscritos, 2011, p. 205)

“Mãe, procurei pra você um papel que respira, com estrutura aberta e aparente. Pra achar você tive que ir neste papel. Nele perdi teus com sentimentos, e pude decidir as palavras.

Mãe,

Você é uma mulher cheia de mundos e seu passeio pelo universo de cada palavra me faz ter cuidado com o meu papel.” (Mana Bernardes In: Mana e Manuscritos, 2011, p. 109)

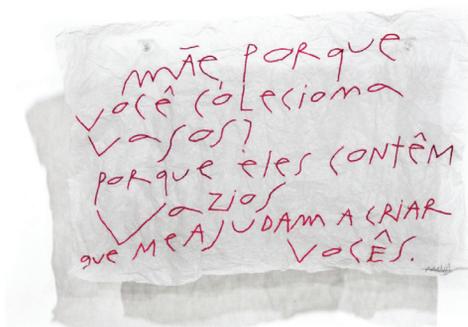
Esses poemas de autoria da designer Mana Bernardes revelam, além da sensibilidade e da construção poética, a sua relação

com a memória e com as histórias familiares e de afetividades. A memória tornou-se tema e alvo de seu trabalho e de sua pesquisa criativa e projetual.

Mana é designer, é também artista, poeta, mediadora cultural, joalheira, ativista social, performer, videomaker. Em seu livro de poemas *Mana e manuscritos* apresenta traços de memória, mas também a sua vivência com o design.

No texto de apresentação de seu livro encontramos as relações com a poesia, assim expressas por Heloisa Buarque de Hollanda:

“Eu me assustei com a poesia de Mana Bernardes. Há mais de trinta anos como crítica de poesia, dentro e fora da universidade, fiquei ao mesmo tempo fascinada e paralisada diante dos textos da poeta. Pouco a pouco, fui entendendo o porquê. É difícil considerar a poesia de Mana como um fato simplesmente literário. Seu texto é, sem dúvida, belo, bem construído, e mostra talento lírico e filosófico. Mas isso não basta. Fica claro para mim que essa poesia não se esgota no texto. Há um quê de plasticidade que invade e domina tanto as imagens dos poemas quanto sua realização caligráfica” (Hollanda: 2011, p. 15)



Seus poemas não são apenas uma construção a partir dos conteúdos e significados da palavra escrita. Eles são e apresentam uma elaboração visual que os envolve e amplifica os significados. Mana desenvolveu uma caligrafia própria para expressar seus sentimentos, leituras e visões de mundo. Assim o poema torna-se, pela ação criadora de Mana, um poema visual, na verdade um poema verbo-visual ou um poema verbo-voco-visual, como diziam os poetas concretos.

É parte importante de seus poemas, além do significado e da poética estabelecida pelo texto, o suporte e as relações plásticas obtidas do somatório das palavras escritas, do tipo de instrumento utilizado - lápis ou caneta-, o suporte no tipo de papel escolhido e empregado. E aí entram as várias questões pertinentes ao design gráfico editorial. Sim, seus poemas não são em qualquer papel e muito menos nos papéis convencionais. Para seus poemas Mana seleciona os suportes e esses se apresentam em folhas finas e transparentes, utilizados não apenas para deixar passar a luz, mas para interagir e mostrar o que está atrás. O papel é croqui, um papel sem gordura, com acabamento fosco e sem brilho, leve e com grande transparência. Geralmente, esse papel é utilizado para rascunhos (roughs) de desenhos, projetos e

Figura 4: Poema de Mana Bernardes, 2011

Fonte: www.manabernardes.com, 2016.

MANA BERNARDES, O DESIGN E OS PROCESSOS

Mana entende e define o profissional de design como uma usina criativa, no sentido do designer ser um articulador que percebe, soma coisas, materiais, tecnologias, associa potencialidades, consegue resultados e pode atuar em diversas plataformas e meios, seja na indústria, na medicina, no desenvolvimento de próteses, no artesanato e manufatura, junto a comunidades ou em outros locais. Ela afirma que em sua atuação observa e estuda a natureza, cria relações com o espaço, com as comunidades do lugar, com as potencialidades dos lugares, dos espaços, dos materiais, das pessoas do entorno.

Tem a sua própria marca e trabalha em uma oficina ateliê. Afirma que trabalha com ideias e busca representar estas ideias com materiais cotidianos, caso contrário, vai buscar materiais adequados, ou seja, os que melhor se adaptem às suas ideias.

Diz que seu processo de criação não começa pelo desenho e sim por uma poesia. “Eu não sou uma pessoa de desenho. Meu primeiro passo para qualquer criação, de um objeto até uma escultura, não é desenhá-lo, mas fazer uma poesia sobre ele. Sinto que as coisas que eu faço precisam fazer parte de um sistema como um todo” (Bernardes In: Revista Serafina, FSP, p. 24, fevereiro de 2016).

Ela acredita que o melhor instrumento para sensibilizar as pessoas é a poesia. Também

afirma que o design que faz é design de processos e que sua grande missão no mundo é promover o desenvolvimento autoral feminino.

A questão do feminino está impregnada no trabalho desta designer não apenas pelas peças, produtos, ambientes, instalações, performances e poesias que cria e produz. O feminino em seu trabalho também é trazido pelas relações de memória afetiva.

Mana retira também de sua vivência e das relações e histórias familiares referências e inspirações para seus projetos. Inclusive as dificuldades servem como potencialidade para a criação. Ela diz: “O que me importa é o que se faz com a memória, o que se inventa. (...) Não adianta ter só memória, o que me comove é fazer algo com essa memória” (Bernardes In; Memória inventada, O Globo, Ela, p.2, 19/10/2013).

Um desses processos de criação partiu da experiência que Mana vivenciou com sua avó nos últimos anos de vida de Clarice Ramos Leal que foram marcados por lapsos de memória. E aí se encontra uma beleza na particularidade. Os lapsos e a falta de memória de alguém que nos é muito querido nos leva a valorizar a memória e as lembranças. Fato que pode ser gerador e um estímulo para a invenção, a criação e novos projetos.

A maneira que Mana encontrou para lidar com a situação e estabelecer diálogos com sua avó, e até talvez uma tentativa de reativar algumas lembranças e a memória de Clarice, foi vestir os vestidos da avó para que ela lhe

contasse histórias desses vestidos que eram também entremeadas às histórias de vida e de imaginação. Isso porque as conversas e as histórias contadas por Clarice, conforme relato de Mana, eram meio reais e meio inventadas. Mas, todos os dias, durante cinco anos, este ritual se repetiu.

Figura 6: Mana com um dos vestidos de sua avó.

Fonte: Foto de Ana Branco, RJ, s/d.



Clarice Ramos Leal era uma aristocrata de Petrópolis e, ainda adolescente conheceu Sérgio Bernardes em uma festa, ele era um jovem arquiteto. Mana conta que o relacionamento entre os dois foi intenso, apesar das diferenças. Clarice gostava de bandejas de prata e Sérgio projetava até o copo em que bebia água. E, durante muitos anos, enquanto Sérgio projetava casas, Clarice criava e fazia seus vestidos com as encomendas de sedas e rendas que vinham de várias partes do mundo para ela.

O casal vivia uma vida glamourosa e repleta de festas. Costumavam receber frequentemente artistas e políticos de grande influência, entre eles, Alexander Calder, Tom Jobim, Le Corbusier, os Keneddy.

Na festa das bodas de 25 anos do casamento, Sérgio não apareceu e deixou apenas uma carta explicando a sua decisão de partir com outra mulher, e por anos ficou sumido, tendo morado nos EUA e na Europa. Clarice, mediante o abandono, adoeceu, ficou anoréxica, mas depois de alguns anos, se casou novamente, desta vez com um embaixador, com quem viajou pelo mundo afora. A carta de Sérgio ficou guardada em um cofre do Banco do Brasil até a morte de Clarice que ocorreu em 2002. Quando Mana teve contato com a carta, após a morte de sua avó, ela descobriu os motivos que Sérgio alegou na época. Segundo ele, estava esgotado da vida de luxo e não queria mais fazer casas para pessoas ricas a fim de manter o padrão

de vida de Clarice. Ele queria ser um inventor social, descobrir as causas da seca no Nordeste brasileiro, entre outras coisas. Clarice e Sérgio se reencontraram muitos anos depois do rompimento, tornaram-se amigos e morreram no mesmo ano.

Mana recebeu como herança da avó um baú com todos os seus vestidos. Vestidos de luxo. A história, permeada por memórias e a herança, somadas à vivência de Mana na área de design e em ações multidisciplinares, levaram a designer a desenvolver o projeto “EntreFios” que envolve uma exposição, performances, um catálogo, um documentário, uma plataforma virtual e o trabalho de residência com 30 mulheres de comunidades próximas ao Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro onde será realizado o evento, previsto para ser inaugurado em setembro de 2016.

Como estamos falando de design e Mana assume como proposta a designação design de processos, é importante mostrarmos aqui como esse conjunto de atividades reunidas no projeto denominado Entrefios foi concebido e projetado.

O projeto Entrefios integra diferentes propostas que abrangem o trabalho de Mana Bernardes em três linhas de ação concebidas por essa designer/artista. A primeira linha de ação diz respeito a uma linha do tempo, ao percurso de trabalhos de Mana Bernardes com peças de joalheria, poemas manuscritos em diferentes suportes, objetos, performances e instalações que serão reunidos em uma grande exposição

individual. A ideia é que a exposição comece com as “joias cotidianas”, realizadas com materiais comuns, tais como garrafas PET, palitos de dente, bolas de gude, grampos, pérolas e cordas. Esse foi o processo com o qual a designer iniciou sua carreira e que estruturou seu trabalho. Para Mana, a criação e produção de joias não é um fim, é um meio, significa menor tamanho para maior valor, e o simbolismo contido no valor independe do material. Sobre isso ela diz: “Nada de ouro, prata ou pedras preciosas. Tudo é de segunda mão, mas a próxima coleção de joias será de peças grandes, caras e únicas”. (Mana Bernardes In: Revista Serafina, FSP, p. 24, fevereiro de 2016).

Ainda segundo a artista/designer, a criação de joias é como uma maquete daquilo no qual seu trabalho veio a se desenvolver posteriormente. Mana Bernardes começou a fazer joias ainda criança, com 7 anos de idade, e aos 12 vendia suas peças para várias lojas do Rio de Janeiro. Porém, nessa mesma fase, dos 12 aos 14 anos sofreu com uma doença autoimune e foram as joias que a ajudaram a superar essa situação. Esse fazer constante envolvido pelos projetos, pela criação e expressão levou Mana a um processo em que as joias se transformam e se expandem, surgindo esculturas, instalações, manuscritos em diversas superfícies, objetos e trabalhos de educação, sempre a partir de um pensamento poético como fio condutor.

A segunda linha de ação irá demonstrar a metodologia de desenvolvimento de processo

autoral, criada e praticada por Mana Bernardes desde 2002 em diferentes lugares do Brasil e denominada por ela como “História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida”. Essa proposta é sempre realizada em grupo. No primeiro encontro, as participantes são convidadas a contar alguma história de vida delas e com o uso de lápis, papel e arame flexível é solicitado que se construa uma forma de algo que simbolize essas pessoas e suas histórias. Segundo Mana o tema central será a expressividade feminina, “as mulheres vão expressar suas vivências pessoais, como dramas amorosos e relações com mães e avós, em performances, poemas, esculturas e instalações”(Bernardes In: O Globo, segundo caderno, p.3, 2014). E, ainda, afirma: “Assim como eu vou exorcizar uma parte de minha história com a obra, vou possibilitá-las o mesmo, para que transformem os seus dramas em arte. Eu me curo de minha existência escrevendo e assim fico bem”(Bernardes In: O Globo, caderno Ela, p.2, 2013) É importante apontar que por meio da dinâmica “História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida” o processo autoral ganha força, especialmente pelo fato de que essas mulheres, ao assumirem suas histórias, começam a encarar e manusear os materiais de outra forma e o desenvolvimento expressivo autoral, seja de objetos, seja de obras, é impulsionado. O grupo contará com 30 mulheres e a metodologia será desenvolvida no sistema de residência no MAM-RJ cujo espaço será utilizado para os encontros e a

criação de objetos/obras. O processo continuará após a inauguração da exposição, quando o público terá acesso ao trabalho que estará sendo realizado na metodologia, como em um open studio (ateliê aberto). As atividades e os trabalhos resultantes dessa dinâmica também farão parte da exposição.

A terceira linha de ação consiste na concepção, produção, realização e exibição do documentário Entrefios que registrará os processos de trabalho da artista além de performances desenvolvidas por Mana e pelas mulheres participantes da metodologia. O documentário será um registro autoral da diretora Chloë de Carvalho a respeito dos processos de trabalho de Mana Bernardes. A narrativa do filme será construída com o entrelaçar de duas vertentes: documental e experimental. A vertente documental acompanha a artista preparando a exposição no MAM, o processo de residência com as 30 mulheres. A vertente experimental consiste em oito filmes produzidos a partir de performances que serão desenvolvidas por Mana e pelas participantes da residência.

Ainda, o projeto contará com uma plataforma virtual que levará ao público o processo de trabalho com a metodologia “História de Vida Através do Objeto, História do Objeto Através da Vida” e o acompanhamento da exposição. O site será constantemente atualizado, incluindo vídeos “virais” que ampliarão o alcance do público ao projeto. Para o registro e a documentação desse projeto será desenvolvido um catálogo impresso.

Para uma das performances a proposta de Mana é fazer um vestido simples, de papel, e com ele ficará em uma cachoeira até o vestido se desmanchar e escorrer água abaixo. Essa proposta se estabelece como um contraponto aos vestidos e a vida luxuosa de seus avós e, de certa forma, aponta como as coisas e as histórias se transformam no decorrer da vida.

Mana sempre desenvolve vários projetos ao mesmo tempo e atende clientes como a Tok&Stok, Natura, Nike, Marisa Monte, Ipanema, Rede Asta, Museu do Amanhã, entre outros. Também assina uma coluna Gente Boa com seus poemas para a revista Bons Fluídos.

O trabalho de Mana Bernardes nos aponta vários aspectos do design contemporâneo. Primeiro a diluição de fronteiras entre áreas, pois processos criativos, artísticos ou projetuais no campo do design convivem com os projetos pedagógicos e sociais, com as várias linguagens – poesia, performances, vídeos, instalações, filmes-, e com a gestão cultural e os diversos segmentos do design: produto, moda, ambientação, joalheria, design editorial. Outra relação que aponta a contemporaneidade em seu trabalho é a inter-relação que estabelece a partir deles entre o design e a arte. Além disso, as relações com a memória, as histórias familiares, as histórias afetivas que ganham em importância e, quando resgatadas, passam a compor um significativo mapeamento de sensibilidades determinando criações projetuais únicas, e singulares, inovadoras.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS PESSOAIS NO PROCESSO DE ENSINO EM DESIGN NUMA AÇÃO INTERDISCIPLINAR

A memória, as histórias familiares, sempre foi algo que chamou a minha atenção. Tanto que tenho guardados alguns textos, anotações, documentos, fotos e alguns projetos que mais dia menos dia ganharão corpo e expressão. Meu despertar para essas questões e minha vivência ocorreram ainda na época de estudante, por meio da ação do meu professor Yoshito que ministrava a disciplina de Cultura Brasileira e Folclore. Ele propôs e trouxe as questões relacionadas à memória, à história familiar e à história pessoal para a sala de aula. E os resultados foram muito significativos. Pesquisar sobre a história familiar, em seus hábitos cotidianos, ritos de passagem, histórias do dia a dia.

Anos depois, quando assumi a disciplina de Cultura Brasileira no curso de Moda, desenvolvi projetos educativos que discutiam a cultura brasileira por meio da memória familiar, especialmente a questão da identidade, da multiplicidade e miscigenações que formam o brasileiro. O resultado foi muito produtivo. Até hoje guardo receitas em meu caderno de culinária que foram trazidas pelas alunas. E as aulas finais com as apresentações dos trabalhos eram sempre uma grande festa, pois cada aluna fazia e trazia a “receita de família” ou o prato que era servido, por

causa do seu teor simbólico, em determinadas festividades familiares.

Ao perceber a questão do resgate e da importância que o papel da memória vinha tomando no campo do design, especialmente no design contemporâneo, comecei a pensar que este aspecto deveria ser trabalhado em sala de aula. Retomei essas lembranças e fui ao encontro de um de meus trabalhos da época da faculdade, bem como os textos que os norteavam.

E, no meio de estudos e dessas lembranças, revi o processo, os itens e os reorganizei para aplicar na disciplina de Oficina Gráfica no curso de Design. A grande questão que este tipo de trabalho envolve é a de considerar todas as possibilidades e todas as verdades construídas pelo processo de resgate da memória familiar para potencializar a criação e o design autoral.

A proposta é que, a partir do resgate das memórias, das histórias familiares e pessoais, o aluno desenvolva um projeto com a criação do texto, das imagens, ou seja, do conteúdo e da forma, relacionando as questões autorais com o design editorial.

O desenvolvimento e a produção do livro envolvem todos os processos gráficos exercitados durante a disciplina: monotipias, clichê de barbante, xilogravura, isogravura, linóleo-gravura, serigrafia e estamperia em tecidos.

Nos últimos anos a produção de livros artesanais, livros de artista em peças únicas ou em pequenas séries tem sido retomada e po-

tencializado um novo mercado, tanto o de pequenas editoras ou ateliês de produção literária artesanal quanto o das feiras desse tipo de produto, como a Feira Plana, a Tijuana, entre outras. O Ministério da Cultura do governo federal – MINC - também incentiva com editais próprios esse tipo de atividade.

Portanto, trazer esse tipo de produção para a disciplina de Oficina Gráfica possibilita aos alunos, por meio do processo pedagógico, explorar vários aspectos de importância para sua formação como designer. Primeiro, tomar a consciência do quanto conhecer a si mesmo, as suas origens e relações familiares, ou seja, conhecer sua própria história possibilita assumir o papel de agente na criação e experimentação de processos autorais. Segundo, estabelecer essas relações como referências para sua atuação projetual. Terceiro, abrir a possibilidade de atuar com o segmento de design editorial e de livros autorais, seja em peças únicas, seja em séries. E, ainda, criar espaços produtivos com este tipo de produto. E, também, criar uma nova história partindo do que foi levantado e pesquisado, mas selecionando conceitos importantes para uma nova criação, como veremos nos exemplos abaixo.

Outro aspecto que é possibilitado por essa proposta é a integração e o desenvolvimento de uma ação interdisciplinar com o envolvimento da disciplina de Fotografia e de Tipografia, bem como a aplicação de conceitos, práticas e conteúdos desenvolvidos pelas disciplinas de Produção Gráfica.

O resultado da proposta tem sido bem aceito pelos alunos que se envolvem no processo, estabelecem e fortalecem relações afetivas tanto com os familiares quanto com os amigos e colegas de classe, resgatam histórias, lembranças, objetos, fotos, textos, sapatinhos e outras coisas guardadas que são simbólicas e expressam a sua história de vida. Os resultados obtidos, ao longo desses quatro anos, têm sido muito significativos.

Selecionamos apenas alguns exemplos, mas existem muitos outros que merecem ser publicados em outras ocasiões. Muitos desses trabalhos estão expostos em mostra permanente no site design contemporâneo (www.designcontemporaneo.com.br).

Figura 7: Entre Linhas, de Marcella Gadotti, Bauru, 2014.
Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo.
Fotos: Marcella Gadotti.

Entre Linhas, de Marcella Gadotti, é um livro que explorou de maneira muito criativa a forma em sua relação com o conteúdo. O livro propõe uma leitura não linear e cada página é um círculo que pode ser lido isoladamente, porém tem ligação com as outras partes da história de Marcella a partir de um fio de linha. Lembranças como a das comidas de alma (pipoca, canjica, mingau) que a mãe lhe oferecia quando a menina estava doente foram transformadas em imagens e textos sensíveis.



... **Da História de Um Homem Em Fim** é o título do livro de **José Victor Barros de Oliveira** que conta seus percursos de vida entre a infância e a fase adulta. Explora os experimentos artesanais e manuais, das páginas até a caixa de madeira, construída por ele a partir de descartes encontrados nas ruas de Bauru. A caixa contém dois livros, um com toda a narrativa, imagens e textos finalizados e o outro com as matrizes das gravuras que desenvolveu para esse trabalho.

Figura 8: ... Da História de Um Homem Em Fim, de José Victor Barros de Oliveira, 2014

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de José Victor Barros de Oliveira.



Natureza e Remendos, de Ana Clara Massa Rodrigues,

retoma suas memórias e lembranças a partir da relação que tinha com as flores, os jardins da casa dos avós e da presença da natureza em sua vida. Também relaciona às imagens e lembranças à sua história familiar e pessoal. O livro é repleto de sensibilidade e delicadeza, e todo o conjunto foi intensificado pela emoção e pela importância das memórias quando, no processo de feitura do livro, seu avô faleceu. Ela então não apenas dedica o livro a ele, mas traz uma série de lembranças e fotos do seu avô, incluindo uma carta que ele escreveu a ela.

Figura 9: Natureza e Remendos, de Ana Clara Massa Rodrigues, 2014.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Ana Clara Massa Rodrigues.



O livro **Reflexões de Tatiane Kaori Amano** conta como ela pensa e se posiciona diante da sua vida a partir das lições e aprendizados da história de sua família, das lembranças e de sua própria história.

Figura 10: Reflexões, de Tatiane Kaori Amano, 2015.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Tatiane Kaori Amano.





Figura 11: Leve, de Daniela Brüno, 2015.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Daniela Brüno.

Leve é o título do livro de **Daniela Brüno** que a partir da pesquisa sobre suas memórias e histórias descobre e destaca o papel importante que a dança tem em sua vida. Amor e leveza se misturam e se unem tornando-se partido projetual, texto, forma e expressão por meio de diversas linguagens.

Relicário, de Maria Tereza M. Rosa, indaga e retoma suas memórias e o papel que elas exercem em sua vida. De forma poética e delicada transforma as memórias em imagens, textos, interferência sobre fotos, cria ilustrações e o livro torna-se esse lugar para guardar as lembranças preciosas, como seu título, um relicário de memórias.

Figura 12: Relicário, de Maria Tereza M. Rosa, 2015.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Maria Tereza M. Rosa.



Flores é o título do livro de **Giovani Ramos Flores**. Isso mesmo, o aluno toma o seu sobrenome e ele se transforma em título, em protagonista dessa história permeada de afeto, lembranças, saudades e emoções na descoberta de si mesmo.

Figura 13: Flores, de Giovani Ramos Flores, 2015.

Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Giovani Ramos Flores.



C, de Cristian Camilo López Parra, também traz como título o seu nome, a primeira letra de seu nome, que ele não gostava, mas que descobriu na faculdade o quanto é bonito desenhar letras e a tipografia. Cristian foi um aluno intercambista, nascido em Bogotá, desenvolveu todo o livro de forma bilíngue, cada página escrita em espanhol tem seu correspondente em português. Além disso, fez quatro livretos reunidos em uma caixa. Os livretos e as cores marcam cada parte da história de sua vida. O livro foi todo datilografado em uma máquina de escrever que foi emprestada de um ateliê do curso de artes.

Figura 14: C, de Cristian Camilo López Parra, 2015.
Fonte: Acervo do Laboratório de Pesquisa, Extensão e Ensino Design Contemporâneo. Fotos de Cristian Camilo López Parra.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os exemplos que trouxemos neste texto, tanto dos profissionais quanto dos alunos em processo de formação, destacam a importância da memória que, ao ser resgatada a partir das histórias familiares e das lembranças, passa a dar a consciência e ajudar a retomar ou a construir as histórias pessoais. Nesse processo, o conhecimento é explorado tornando essas memórias vivas novamente pela reativação das lembranças. Essa ação também envolve o autoconhecimento, a consciência de si mesmo, fato que é de relevância para todos aqueles que trabalham com criação.

Sabemos que a única coisa que pertence verdadeiramente ao homem é a sua história e a sua memória que vivem além dele mesmo e que constroem histórias especiais, únicas.

Para os profissionais, a memória passa também a construir a marca de suas empresas e confere referências e temáticas para o desenvolvimento de seus trabalhos. Mas também auxiliam os processos de criação e desenvolvimento de produtos.

Podemos até dizer que a questão da memória já se tornou estratégia de mercado no cenário contemporâneo. Isso é fato, mas a memória passou a ser valorizada e é tomada pela dinâmica da economia e das estratégias de mercado porque ela representa hoje um grande diferencial de importância.

Conhecer-se, saber de onde veio, quais são os seus companheiros de vida, lidar com

sentimentos é ter o poder de construir sua identidade, fazer escolhas e valorizar o sensível e o simbólico no decorrer da vida pessoal e profissional e poder ver o mundo a partir de diferentes ângulos e perspectivas, reconhecendo no outro um pouco de si mesmo.

Esse processo que envolve o resgate de memórias também colabora para entender o outro, o ser humano, os sujeitos com os quais lidamos, especialmente em uma profissão como a de designer, que tem como premissa básica a relação humana e a busca de uma sociedade melhor.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. SP: Martins Fontes, 1998.
- ANDERY, R. Multitarefa: joalheira, poeta, designer, pedagoga, cozinheira e o que mais lhe der na telha, a carioca Mana Bernardes vive de fazer o que nunca fez antes, embora tenha aprendido tudo isso quando ainda era criança. Serafina, Folha de São Paulo, p. 22-25, fevereiro de 2016.
- BARROS, Manoel de. Memórias Inventadas as infâncias de Manoel de Barros. SP: Planeta do Brasil, 2008.
- BERGSON, Henri, 1859-1941. Matéria e memória : ensaio sobre a relação do corpo com o espírito; tradução Paulo Neves. São Paulo : Martins Fontes, 1999.
- BERNARDES, Mana. Mana e Manuscritos. RJ: Aeroplano, 2011.
- BREVES, L. Memória Inventada. O Globo, RJ, p.2, 19 de Out. de 2013.
- CÉSAR ADES. A memória partilhada- Resenha de: BOSI, ECLÉA. (2003). O Tempo Vivo da Memória: Ensaios de Psicologia Social. São Paulo: Ateliê Editorial. In: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-65642004000200012&script=sci_arttext, acesso em 10/10/2014.
- FAHER, S. Entrevista Sérgio Fahrer. SP: 2014. Entrevista concedida a Mônica Moura.
- FAHRER DESIGN. Disponível em <<http://www.fahrer.com.br>>. Data de acesso: 12/01/2016.
- GUIMARÃES, C. Eu vou te contar... A artista Mana Bernardes vai ouvir histórias de trinta mulheres, que resultarão em obras de expo no MAM. O Globo, RJ, p.3, 29 de Jun. de 2014.
- HATOUM, M. O progresso que engana, O Estado de São Paulo, SP, p. C8, 08 de Nov. de 2013.
- HORTA, N. Língua Curiosa. Folha de São Paulo, SP, p. F6, 09 de Jul. de 2014.
- MANA BERNARDES. Disponível em <WWW.manabernardes.com>.Data de acesso:10/01/2016.
- Mostra Memórias 2014. Disponível em <<http://www.designcontemporaneo.com.br/2014/12/10/mostra-memorias/>>.Data de acesso:10/02/2016.
- Mostra Memórias 2015. Disponível em <<http://www.designcontemporaneo.com.br/2015/07/01/mostra-memorias-2015/>>. Data de acesso:10/02/2016.
- MOURA, M. (org.). Design Brasileiro Contemporâneo: reflexões. SP:Estação das Letras e Cores, 2014.
- MUNRO, Alice. Vida Querida. SP: Companhia das Letras,2013.
- RICARDO NOBLAT. Memórias da ditadura: 'Servi de cobaia para uma aula de tortura'. 05.06.2013. Disponível em <<http://noblato.globo.globo.com/documentos/noticia/2013/06/memorias-da-ditadura-servi-de-cobaia-para-uma-aula-de-tortura-499064.html>>. Data de acesso 10/11/2015.
- TELLES, Lygia Fagundes. Invenção e Memória. SP: Companhia das Letras, 2009.
- VITTORINI, Elio. Sardenha como uma infância. SP: Cosacnaify, 2011.



MÔNICA MOURA

Realizou estudos de pós-doutoramento sobre Design Contemporâneo no Departamento de Artes & Design e PPG Design da PUC-Rio. Doutorado com tese sobre Design de Hipermídia e Mestrado com dissertação sobre a Construção da Imagem no PPG de Comunicação e Semiótica na PUC-SP. Bacharelado e Licenciatura em Artes Visuais. Ensino Técnico Profissionalizante em Design de Interiores. Atuação profissional: Professora Assistente Doutora e Coordenadora do Laboratório Didático de Experimentos em Design Gráfico no Departamento de Design. Professora, pesquisadora e orientadora credenciada para mestrado e doutorado no PPG Design da FAAC/UNESP, Campus de Bauru e Professora Colaboradora do IA/ UNESP, Campus de São Paulo. Atuou no mercado profissional como designer de interiores, gráfico, produto/mobiliário e moda. Projetos de Pesquisa em andamento são: Design Contemporâneo no Estado de São Paulo: discursos, produtos e inovação; Design para além do Design: contemporaneidade e transdisciplinaridade. Coordena o Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo: sistemas, objetos e cultura.



ANA BEATRIZ PEREIRA DE ANDRADE

Designer e professora na FAAC/UNESP – Bauru. Doutora em Psicologia Social, Mestre em Comunicação e Graduada em Design. Pertence a comitês editoriais e acadêmicos de diversas publicações e fóruns acadêmico-científicos nacionais e internacionais. Faz parte do Grupo de Pesquisa em Design Contemporâneo (UNESP/CNPq). Coordenadora Acadêmico Científica do NUPE – Núcleo Negro da Unesp para Pesquisa e Extensão. Representa a FAAC na Semana Nacional de Ciência e Tecnologia e também junto da Universidade de Palermo (UP). Foi agraciada com o título de Embaixadora de Design Latinoamericano e com o prêmio de Trajetória Acadêmica e Profissional em Design pela UP, onde colabora com a Pós Graduação em Design.